



Cristina Lima/Agf

# “Estamos a fazer tudo para que a Bielorrússia não seja esquecida”

**Sviatlana Tsikhanouskaya** *Lider da oposição na Bielorrússia*

Sviatlana Tsikhanouskaya era professora de inglês num liceu de Minsk, capital da Bielorrússia. Tem dois filhos e a sua vida mudou radicalmente nos dois últimos anos. Representa as forças democráticas da oposição na sequência do despertar da sociedade civil no seu país. Na entrevista ao JE, deixou que um sorriso discreto lhe aflorasse pontualmente o rosto, sem nunca perder a expressão resoluta e nostálgica. Ganhou experiência e diz-se mais firme do que nunca.

A 14 de agosto de 2020 os chefes da diplomacia dos 27, decidiram, numa reunião extraordinária realizada por videoconferência, desencadear o processo de instauração de novas sanções contra dirigentes da Bielorrússia. O anúncio foi feito pelo Alto Representante da União Europeia (UE) para a Política Externa, Josep Borrell, na sua conta oficial na rede social Twitter.

“A UE não aceita os resultados das eleições. Começam os trabalhos para sancionar os responsáveis pela violência e falsificação” dos resultados, escreveu então o chefe da diplomacia europeia. O Conselho extraordinário convocado por Borrell foi a reação europeia ao agravamento da repressão das manifestações que ocorreram um pouco por todo o país a contestar os resultados oficiais das eleições. Esta decisão teve mais do que peso simbólico, uma vez que a UE havia levantado a maior parte das sanções contra o regime de Minsk em 2016, por considerar que estavam a ser dados “passos positivos”.

Segundo a Comissão Eleitoral Central bielorrussa, Alexander Lukashenko, no poder desde 1994, obteve 80,23% dos votos, resultado que lhe abriu as portas a um sexto mandato presidencial consecutivo. A principal candidata da oposição, Sviatlana Tsikhanouskaya, cujas ações de campanha atraíram milhões de eleitores desiludidos com o governo autoritário de Lukashenko, há 26 anos no poder, terá obtido apenas 10% dos votos.

Nessa mesma semana, a UE aprovava uma declaração dizendo que

as eleições presidenciais bielorrussas “não foram nem livres nem justas (...)”.

A esta denúncia, acrescia a intenção dos 27 Estados-membros procederem “a uma revisão aprofundada das relações da UE com a Bielorrússia. Poderá implicar, entre outras, a adoção de medidas contra os responsáveis das violências registadas, das detenções injustificadas e da falsificação dos resultados das eleições”, conforme anunciado em comunicado.

Sviatlana Tsikhanouskaya refugiou-se na Lituânia e apelou a “massivas manifestações pacíficas” em todo o país nesse fim de semana de agosto.

“Os bielorrussos não querem continuar a viver com o poder anterior. A maioria não acredita na vitória [de Lukashenko]”, afirmou antes de realçar que, nas assembleias de voto onde a “contagem foi justa”, ela obteve entre 60% e 70% dos votos. O seu apelo a Lukashenko foi claro: chegou a hora de ceder o poder e de ouvir o povo bielorrusso.

Cerca de dois anos depois, o repto mantém-se – com uma agravante. Tsikhanouskaya acusa o regime de Lukashenko de ser aliado de Moscovo e de ter cedido território bielorrusso aquando da invasão à Ucrânia, país com o qual faz fronteira, iniciada em 24 de fevereiro.

Na sua visita a Madrid, em maio, a convite do Club de Madrid, sublinhou que “é um privilégio dos países democráticos valorizar e persistir no diálogo, mas só pode haver diálogo quando há duas partes disponíveis para negociar. Na Bielorrússia também queremos resol-

ver os nossos problemas através do diálogo, para podermos construir uma sociedade mais sustentável. Contudo, é muito importante percebermos que, para a outra parte querer encetar diálogo, isso implica pressão. Só esta linguagem poderá funcionar com regimes ditatoriais”.

A ativista de 39 anos, que substituiu o marido, Sergei Tikhanovskiy, preso a 29 de maio de 2020, como candidata da oposição às presidenciais de 2020, vive exilada em Vilnius, Lituânia, há cerca de dois anos. Continua empenhada na missão que abraçou em nome da oposição bielorrussa e de todos os bielorrussos que anseiam por um país democrático.

Na recente visita de dois dias a Lisboa, nos dias 16 e 17 de junho, a convite do ministro dos Negócios Estrangeiros português, João Gomes Cravinho, Sviatlana Tsikhanouskaya fez questão de partilhar, durante a entrevista que concedeu ao Jornal Económico, a preocupação manifestada pelo Presidente da República de Portugal face ao cancelamento que as pessoas, em geral, manifestam em relação à guerra na Ucrânia, e que pode ter consequências perigosas.

“Todos os países estão a viver momentos difíceis, não só a Ucrânia e a Bielorrússia. É um enorme desafio para toda a Europa”, reconhece. Mas desistir não é uma opção.

Considera que a sua mensagem está a ser ouvida pelos líderes ocidentais, e europeus em particular, quando sublinha a importância de colocar pressão sobre o regime

**No que respeita à questão da adesão da Bielorrússia à UE, já não estamos sequer nesse patamar. Essa questão será colocada ao povo bielorrusso. São os bielorrussos que têm de responder à pergunta: “querem fazer parte da União Europeia?”**

Ana Pina  
apina@jornaleconomico.pt



**de Lukashenko e de apicar mais lucras da Bielorrússia?** Em 2020, ficamos muito agradecidos aos países europeus por não reconhecerem os resultados das eleições (presidenciais), por não reconhecerem Lukashenko como o presidente legítimo, mas sim uma força alternativa [a oposição]. Tive a oportunidade de me encontrar com vários líderes internacionais, que então começaram a comunicar com as forças democráticas (da oposição) – era importante para os bielorrussos perceberem que não estavam sozinhos. Mas, no que respeito às sanções, desde o início que apelamos para que seja exercida forte pressão econômica sobre o regime.

**Existe alguma desilusão?** A nossa desilusão prende-se com o facto de só ter havido alguma pressão passados dez meses sobre as eleições, quando Lukashenko conseguiu erradicar as manifestações no país. Os bielorrussos começaram a perceber que a violação dos Direitos Humanos – um dos pilares da Democracia – não é motivo bastante para a aplicação de sanções. Só quando a segurança dos países europeus foi posta em causa é que foram impostas sanções, i.e., na sequência da crise migratória, da participação de Lukashenko na guerra [da Ucrânia]...

**Fala na participação da Bielorrússia na guerra da Ucrânia. Como vê o envolvimento do regime?** Há uma colaboração total com Putin. Não se pode dizer que o regime de Lukashenko só está parcialmente envolvido: cedeu território bielorrusso às tropas russas, é responsável por isso! Basta lembrar os ataques a Bucha e Irpin – creio que estes nomes dizem muito. Os bombardeamentos sobre estas cidades partiram de território bielorrusso. Lukashenko não tem como justificar nada disto. Os nossos soldados não percebem porque razão estão a combater contra os nossos irmãos ucranianos. Nunca nenhum bielorrusso imaginou, nem nos seus piores pesadelos, que o seu país iria colaborar numa guerra.

**Como sobrevive o regime?** O regime sobreviveu em 2020 graças à violência, à repressão, e ao apoio de Putin. Mas importa dizer que não tem o apoio do exército bielorrusso. Lukashenko é um ditador que está no poder há 26 anos e que ao longo de todo este tempo construiu estruturas e blindou-se legalmente. Não deu grande atenção ou condições materiais ao exército. Rodeou-se de “estruturas militares” criadas para o proteger a si e aos membros do regime. Foram treinados para isso durante 26 anos! Não é o exército que é leal ao ditador. Contudo, em 2020, percebemos que nem toda a gente nestas estruturas apoia Lukashenko. A maioria continua a obedecer por medo: existe um ficheiro para cada elemento que integra essas estruturas com todos os dados sobre a

suas pessoa, família, e por aí fora, para o regime poder ameaçar, fazer chantagem.

**O medo, as prisões, continuam a ser o modus operandi do regime?** Os bielorrussos vivem com medo. Ainda ontem [quinta-feira 16/06] falei com pessoas que estão no terreno – tento fazê-lo todos os dias – e uma jovem disse-me “estou no inferno”. Pensei que estivesse numa das cidades ucranianas que estão a ser bombardeadas e perguntei-lhe onde se encontrava. Ela respondeu: “Em Minsk”. As pessoas vivem num gulag, numa ditadura! Por isso tento explicar a toda a gente, incluindo aos bielorrussos, que vivemos tempos difíceis mas não podemos desistir. O futuro dos nossos filhos, de todos

aqueles que estão presos, depende de nós. Sim, estamos cansados. Sim, estamos exaustos. Sim, às vezes sentimos que fomos abandonados... Mas estamos a dar o nosso melhor e continuamos empenhados em mobilizar a comunidade internacional, e pedimos a todos os que estão em território bielorrusso que se mantenham firmes nas suas convicções. Temos de estar juntos, e por isso é tão importante apoiar a sociedade civil e ajudá-la a manter a chama viva.

**Não sabemos como e quando a guerra na Ucrânia vai acabar, se ainda haverá margem para uma solução negociada, mas há quem ponha em cima da mesa um “Polexit”. A saída da Polónia seria um revés para a luta das forças democráticas**

**bielorrussas?** Não creio que pais algum saia da UE. Todos os países estão a viver momentos difíceis, não só a Ucrânia e a Bielorrússia. É um enorme desafio para toda a Europa.

**A pergunta prende-se com o facto de a Polónia ter recebido cidadãos bielorrussos na sequência da repressão pós-eleições presidenciais, em 2020, e continuar de portas abertas, bem como em relação aos ucranianos que fogem da guerra...** A Polónia sofreu muito com a crise migratória devido à repressão do regime Lukashenko, e agora recebe milhares de refugiados ucranianos, mas não há queixas nem protestos. Pelo contrário, os polacos estão a fazer tudo o que podem

para tentar ajudar tanto bielorrussos como ucranianos. Penso que os polacos procuram apoiar as forças democráticas da Bielorrússia e da Ucrânia, tal como os lituanos. O cidadão comum, em Portugal, talvez não saiba onde fica a Lituânia. Aliás, antes das eleições de 2020, duvidei que muitas pessoas em Portugal, o cidadão comum pelo menos, soubessem onde fica a Bielorrússia. [sorriso] Possivelmente, pensavam que fazíamos parte da Rússia ou que éramos um “apêndice” da Rússia ou da China, mas voltando a esse pequeno país chamado Lituânia, quero sublinhar que fez imenso ao nível nacional para ajudar a Bielorrússia.

**Pode dar-nos alguns pormenores?**

Conhece o episódio do desvio do avião da Ryanair? [Nota: o Presidente bielorrusso, Alexander Lukashenko, justificou a decisão de ter dado ordem para o desvio do avião que levava a bordo o ativista político Roman Protasevich invocando razões de segurança nacional, e acusou os países ocidentais de estarem a ultrapassar “uma infimidade de linhas vermelhas.”] Foi depois deste episódio que foram impostas as primeiras sanções [de países europeus], vamos dizer “robustas”, ao regime de Lukashenko, mas tinham tantas lacunas que o regime encontrou formas de as contornar. Os fertilizantes potássicos, por exemplo, uma das principais fontes de receita da Bielorrússia, eram escoados, exportados, através de portos na Lituânia. Então, o governo lituano decidiu

bloquear o acesso aos portos e, com isso, preencheu lacunas deixadas em aberto pelas sanções europeias. Foi muito importante e estamos a falar da atuação de um país pequeno...

**O impacto foi significativo para o regime, em termos financeiros?**

Sim, mas permaneceram muitas brechas, as coisas só começaram a mudar um pouco depois de começar a guerra [na Ucrânia] e de ser decidido o sexto pacote europeu de sanções [à Rússia]. Não podemos esquecer que o ditador Lukashenko é muito experiente, sabe como contornar sanções e usa o Cazaquistão, o Quirguistão, a Rússia e outros países para o efeito. Daí apelarmos à comunidade internacional, aos nossos parceiros

internacionais, para serem consistentes e manterem a coerência das suas políticas [sanções], para colorem o máximo de pressão possível sobre o regime de Lukashenko. Até porque, muito recentemente, Lukashenko disponibilizou o país como rota de exportação de cereais ucranianos, em troca de concessões, como a abertura de portos do Báltico para os seus produtos. Além de exigir o levantamento de outras sanções. É chantagem pura! Espero que este “acordo” não vá para a frente, pois seria vergonhoso.

**Levantar as sanções seria um erro...**

Se as sanções forem levantadas agora, isso vai deitar por terra tudo o que foi alcançado até ao momento. É muito importante

que as pessoas percebam que depois de terem sido dados tantos passos em frente, é um erro dar um enorme passo atrás. O que vai pensar Lukashenko? Que os países democráticos não lhe vão tocar. Os ditadores usam a chantagem, por isso a Democracia tem de mostrar que também “pode morder”, e é isso que agora está a fazer.

**Os países democráticos, e Europa em particular, estão a fazer o suficiente?**

Estou muito grata por tantos países se unirem no apoio à Ucrânia, e por tanta gente perceber o quão importante é apoiar a Bielorrússia nestas novas circunstâncias. As pessoas estão a pedir ao seus governos que enviem equipamento [militar], que ajudem os refugiados, muitas abrem as suas casas aos refugiados. Talvez seja algo inesperado, esta solidariedade! [sorriso] Devo dizer que se trata de um enorme desafio para os países democráticos, na medida em que têm de provar a relevância dos seus valores, os pilares da democracia... Recordo, a propósito, o momento em que fui recebida pelo Presidente da República de Portugal [quinta-feira 16 de junho], em que partilhou comigo a sua opinião sobre a situação atual. Mostrou-se particularmente preocupado com o facto de as pessoas começarem a estar cansadas desta guerra. Inicialmente houve uma grande mobilização, e agora as pessoas regressam ao seu quotidiano e afastam-se cada vez mais dos dramas diários que assolam a Ucrânia. São tempos muito perigosos...

**Como se combate o risco de esquecimento?**

É um trabalho constante para nós. Temos de empenhar-nos arduamente para que a Bielorrússia não seja esquecida. Há dois anos que lutamos para que seja dada atenção à questão da Bielorrússia, para que o regime de Lukashenko não seja reconhecido, pois o reconhecimento é extremamente importante para ele. Daí pedirmos aos líderes dos países democráticos que não enviem embaixadores a Minsk, nem recebam embaixadores do regime. Mas ainda esta semana soubemos que foram recebidos embaixadores bielorrussos na Hungria, apesar de o governo húngaro não ter reconhecido a eleição de Lukashenko como legítima.

**No dia em que fala ao JE, 17 de junho, a Comissão Europeia recomendou a adesão da Ucrânia à UE, Geórgia e Moldávia também obtiveram pareceres favoráveis. É um estatuto que considera relevante para um futuro democrático na Bielorrússia?** É fácil dizer que estamos desiludidos, que vamos desistir, mas a verdade é que são os nossos entes queridos que são torturados, humilhados e que sofrem nas prisões bielorrussas. Não podemos desistir, não podemos baixar os braços! Mas, no que respeito à questão da

adesão da Bielorrússia à UE, já não estamos sequer nesse patamar. Essa questão será colocada ao povo bielorrusso. São os bielorrussos que têm de responder à pergunta “querem fazer parte da União Europeia?”. Já enviamos cartas a todos os países europeus a dar conta do nosso total apoio à adesão da Ucrânia, da Geórgia e da Moldávia à UE, porque se é essa a vontade do povo [desses países], então, têm o direito de lutar pela candidatura ao processo de adesão.

**Para a oposição ao regime Lukashenko, até que ponto é importante que a UE apoie a candidatura da Bielorrússia? Que impacto tem esse apoio?**

Na verdade, estamos a trabalhar no sentido de, no relatório final da Comissão Europeia, na sequência da recomendação de adesão da Ucrânia, Geórgia e Moldávia à UE, o texto incluir uma referência à Bielorrússia que vi no mesmo sentido – que o povo bielorrusso tem o direito de escolher e que, no futuro, a família europeia está disposta a acolher a Bielorrússia. Os bielorrussos precisam de saber que existe uma alternativa! Esta menção é extremamente importante para nós. ■



Christina Bermano



**Os bielorrussos começaram a perceber que a violação dos Direitos Humanos – um dos pilares da Democracia – não é motivo bastante para a aplicação de sanções. Só quando a segurança dos países europeus foi posta em causa é que foram impostas sanções**

**Sviatlana Tikhanouskaya**  
Líder da oposição na Bielorrússia